

A INDISCUTÍVEL SINGULARIDADE

Tudo cabe dizer de Qorpo-Santo. Dêem-no como genial ou louco, deve-se, no entanto, ressaltar primeiro a sua essencial qualidade, a qual tem muito maior importância do que quer que se lhe aponte: singularidade. Ao depois, conforme pode vir a pedir o caso, pronunciem-se largamente teatrólogos e psiquiatras. Nunca antes. Porque o singular, sob pena de o não ser, é, por excelência, o inconcebível — uma categoria à parte, que resvala às mais argutas especulações. Consta-se, já pela miúda e direta observação do cotidiano, já por via de eruditas metafísicas palestras, que o singular comove bem. Nada mais se sabe. O resto é silêncio e hipóteses. Querem uns que seja o singular um efeito poético; outros, uma forma de humor; e uns terceiros, loucura. Falsíssimas conjecturas. Para ser poesia, é o singular demasia do gaio — falta-lhe a leveza e todas aquelas graças honestas haventes na obra de arte; humor também não; humorismo pede sentimento e, mínima que seja, traz sempre, bem lá no fundo, um nadinha de reflexão; loucura, de jeito algum! Esta choca, desaponta e constrange. Vê-se, portanto, que qualquer definição estaria a não servir para nada. Isto é o que vão ver... Alguns já perceberam tudo. Demais, o sentido da singularidade está em si mesmo, acima das razões e das sem-razões; tentar captá-lo é querer vau a pé enxuto no rio de Heráclito. Melhor alvitre, pois, é ir-se a gente nas águas de Berson.

Aceitemos, ainda que mero artifício de estilo, só para fins de digressão, ser o singular o "espantante agradável". Machado de Assis não estava longe de pensar assim, quando ao se referir ao singularíssimo Arthur de Oliveira, chamou-o de "saco de espantos". Do mesmo modo, não o está Aíthos, que ao sobredito Arthur, colocou-o juntinho de Qorpo-Santo num de seus livros.

Mas o que agora vai espantar e não agradavelmente, é o fato de se poder colocar lado a lado, porque singulares, homens dispares, de todos os tamanhos que por sua obra, exercício e condição, nada têm de comum entre si.

De verdade, em termos de singularidade, não seria impertinente meter dentro do mesmo saco tipos como Salvador Dali, Qorpo Santo, Tenório Cavalcante, Guimarães Rosa, Dimitris Anagnostopoulos, Jaime Ovale, Odone Greco, Genet, Swift, Cipriano Bernd e o dr. Ribas. Todos estes, independentemente da minguia ou do proveito com que hajam atuado no campo específico de sua atividade, primam antes de tudo por espantar de um jeito assaz curioso. Constroem a canoa a seu modo, com o número de paus que lhes dá na cabeça, na mais peculiar e nunca vista maneira.

Parágrafo Único.

José de Alencar, Gustavo Corção, Justino Alves Bastos, Alexandre Dumas, Jaime Pitman, Manoel de Macedo e o Irmão Otão são parceiros de outro saco.

ODE ÀS ARANHAS

Calcule-se agora o que não deve ter passado o pobre Qorpo-Santo, nesta mui leal e valerosa cidade de Porto Alegre, Capital da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, há cem anos atrás! O infeliz só podia ter o fim que teve: no hospício. Então era lá coisa que um cidadão decente fizesse, escrever corpo com Q; compor uma ode às aranhas, falar em divórcio e entrar em casa pela janela?

E em tempos que já lá vão, foi ainda pior. A reserva que hoje, por amenas e benignas maneiras, se faz aos introdutores de novidades, tinha antes um caráter de execração. Era dar sérios indícios de má índole, ousar alguém a reforma do que quer ser que fosse.

Mas, para o nosso próprio bem e felicidade geral dos exércitos, a coisa mudou um pouco. Entre essas enojadas sensatas criaturas, há algumas que, se não tem abertura para a singularidade, sabem ao menos, que é de muito bom tom aceitá-la: são as hipotétricas, cuja vítima Guimarães foi o das quais airoso ele se vingou debicando-as num prefácio de Tutaméia. As individualidades

hipotétricas são como que uma versão moderna dos carneiros de Panúrgio, seguem também o rebanho, mas com certa classe, pela bússola e pelo radar, longe das ovelhas e da vista das turbas, após colherem cuidadosamente as necessárias informações.

Nunca se pronunciaram sobre qualquer assunto sem primeiro ouvir a opinião oficial e depois de conferi-la com as pessoas de notório saber. Coitadas, cheíram da banda certa, mas não sabem onde têm o nariz. São como o alfaiate das celebridades, que se empolgavam com a fama dos clientes e todavia não tinha condições de apreciar-lhes o valor.

Não deixa, pois, de ter alguma razão o frascário, rapaz Cristaldo, taura e de Dom Pedrito, ao denunciar ao redor de Qorpo-Santo uma bagunça de hipotétricos. Pondere-se o caso.

Já quase não se ignora: José Joaquim de Campos Leão Qorpo Santo arrastou sua penosa existência por estes pagos sem nunca achar quem o tivesse em boa conta. Em vida, ninguém lhe apresentou protestos de elevada estima e distinta consideração. Outrossim informase-se que, unanimemente, intelectuais e plebe sempre o tiveram por rematado louco de se atar. Sobre o que ele fez, disse e escreveu, jamais alguém acrescentou uma palavra que não fosse de ironia ou reproche. E assim veio sendo até recentemente, quando então a competente Imprensa nacional passou a anunciá-lo como a maior descoberta da dramaturgia brasileira. Sábios, sabichões e sabedores entraram, daí por diante, a trombeta-lo entusiasticamente. Drummond deu-lhe até um verso de presente. Por toda parte, onde que se falem coisas sérias e profundas, lá vem o extravagante nome de Qorpo Santo afeitado dos mais belos apelidos: "O Jarry brasileiro", "O Ionesco dos Pampas", "O precursor do Teatro do Absurdo", "O genial Qorpo Santo", "O Sensacional", "O Profeta", "O fantasmático", etc. etc...

MASTIGADO NA BOCA

Eis aí, de relancina, a trote largo contada.

a dramática história do dramaturgo. Não há muito, porém, veio ela a ser acrescida de novo ponto. É o caso que, nem sempre sendo se as rabecas afinadas pelo mesmo diapasão, surgem avulsas notas que destoam do concerto. Querem uns que Qorpo Santo, por ter uma aduela de menos, tenha feito uma obra extremamente "comprometida consigo mesmo", o que, segundo alegam esses sobre-ditos alguns, tiraria, em parte, a validade de seu teatro. Não chegou, todavia, tal disparidade de votos a criar maiores atritos, embora dois importantes homens, ambos viajados e sabedores, Yan Michalsky e Luiz Carlos Maciel, andassem discutindo o assunto pelo jornal, e não com enfezado acirramento.

Ora, quejanda boba polêmica não devia ser, tamanha a sua impertinência. O que importa a sanidade mental de um artista, se a sua obra, de um jeito ou de outro, comunica alguma coisa? Nada. O teatro de Qorpo Santo, tem, pois, de ser visto só tal como hoje o podemos ter, no palco ou no texto, absolutamente à parte das circunstâncias que cercaram a vida e a pessoa de seu autor. E mesmo o que daí se viesse a dizer, pelo menos para mim, deve ficar para depois, que, antes de tudo, tudo nesse extraordinário dramaturgo — seus defeitos e virtudes — hão de ser sempre meros aspectos de sua singularidade.

Vê, pois, que somente escrúpulos hipotétricos poderiam ter retardado a sua descoberta. Antes, quando não atinavam compará-lo a modelos já acabados de outras literaturas, e não se conheciam esquemas críticos pré-fabricados em que pudessem enquadrar sua obra, ninguém se manifestava.

Que de muitos intelectuais, ou como tais considerados novos e velhos, conheço eu, que até hoje têm medo de dar algum palpite neste momentoso assunto!

E é isso.

Mas não culpemos ninguém por essa omissão. O hipotétrico, de seu natural avesso à singularidade, só a perceberá se lhe darem na boca, já mastigada, com outra roupagem. Coitados, não fazem por mal.

O LOUCO MANSO

Esse homem, cuja vida foi um pesadelo, não é personagem de ficção; existiu realmente no Rio Grande do Sul, em meados do século XIX. E não só conseguiu agitar o ambiente, se bem que para receber pesada carga de remoço, zombaria e sarcasmo, como teve forças para fazer com que sua obra chegasse até nossos dias mais viva do que nunca.

Cercado de riso e sarcasmo, nascia um mito. Um mito que se chamou, na ortografia lá dele — José Joaquim de Campos Leão Qorpo Santo. Escarnecido em vida, Qorpo-Santo não foi poupado nem depois de morto. Mas, coisa estranha, ninguém o leu. Falava-se dele como de um mito — um doido que havia escrito poesias de doido.

Suas comédias não são românticas, quer no tema, quer na linguagem e na atmosfera, embora seu autor houvesse nascido em 1829. Apresentam situações conflituosas peculiares à sociedade gaúcha do século XIX; e, do ponto de vista da expressão verbal, são verdadeiramente surpreendentes: desprezam por completo a linguagem ornamental — comum no melhor teatro da época.

A segura da frase, a ausência de adjetivos e de inversões oracionais, o despojado, em suma, do fluxo elocutivo ainda não se credenciara à preferência do público. Este queria outra coisa — lágrimas compridas, namoros contrariados, períodos cantantes. Nas peças de Qorpo-Santo, ocorre justamente o con-

trário. Empregando falas já modernas, no concernente à estrutura, o autor despreza a narração passiva e a nódia. Há nelas um saudável tom de farsa, como no geral em todas as outras. Por meio do teatro, Qorpo-Santo vingava-se da sociedade e dos desacertos humanos. É que temos nele, para explicar tudo, um realista de expressão não raro crua e áspera.

Nota-se isso principalmente em seus trabalhos de fundo autobiográfico.

Convém repetir, a esta altura, o que várias vezes escrevi a cerca do nosso teatrólogo, ou seja que o criador da pataphysique, o louco genial que foi Alfred Jarry (1873—1907), modernamente ressuscitado por Jean Vilar, e menos "representável" do que o porto-alegrense Qorpo-Santo. O autor de *Ubu Enchainé*, com o seu delirio vocabular decadentista, deixa na sombra, sem sentido visível, boa parte do que lhe ardia na mente. Ao passo que o louco manso das margens do Guaíba emprega palavras ou expressões, cujo sentido seja absolutamente hermético, ou que valham apenas enquanto valor melódico encantatório. Por outro lado, o drama existencial tem outra expressão na pena do autor gaúcho. É o que se vê em *Mateus e Mateusa* (no fecho) e principalmente em *Um Creador da Fazenda Nacional*, ou nessa ambizosa *Relações Naturais*, superior a tudo quanto Ionesco imaginou de mórbido e angustiante.

O riso de que se cercou, o escárnio que o perseguiu, a pouca cultura

do meio, não deixaram perceber a ninguém que ele havia alcançado, por entre as pausas da loucura, uma coisa raríssima: autenticidade literária.

TURBULENTA SEXUALIDADE

Ainda aqui, a exemplo do que sucede com relação a outros aspectos de sua personalidade, é na própria obra dramática por ele deixada que vamos encontrar a chave que nos há de abrir o amplo recinto em que suas paixões, sua turbulenta sexualidade, seu realismo congênial, sua vocação literária, se misturam, em dosagens desiguais, presididas por uma sanidade mental mais que discutível, para produzir o teatrólogo.

Sim. Porque a literatura e o sexo foram os pólos de sua vida. Sua obra, toda ela uma lancinante confissão, expelida sem os costumeiros disfarces em tantos pontos capitais, busca motivação e moldura no erotismo. Pressionado pelos tabus, pelas praxes sexuais, pelos cânones morais da sociedade brasileira, escravocrata e latifundiária, de meados do século XIX, o mestre-escola de Porto Alegre fez de sua obra de dramaturgo o estuário em que os conflitos da sua geração se encontram reunidos, como em nenhuma obra do gênero, dentro de nossa dramaturgia, naquele período. De modo confuso e tumultuário quase sempre, Qorpo-Santo compôs por isso mesmo uma obra muito

ilustrativa. Ninguém fora tão longe, antes dele, no seu impulso confessional. Na generalidade, os homens da mesma época, como nos álbuns de família bem arrumadinhos na sala de visitas, ofereciam ao público um retrato convencional de si mesmos.

Na imprensa, na ficção, na poesia, no teatro, a boa norma era o delírio idealizado e idealizador, com muito sentimentalismo no recheio. Fora daí não havia lugar para o recorte das paixões elementares, para as exigências do instinto e sua satisfação, conforme as regras secretas da sociedade patriarcal.

Escrevendo peças como *As Relações Naturais*, *Mateus e Mateusa*, *Eu Sou Vida*; *Eu Não Sou Morde*, Qorpo-Santo põe a nu coisas que o teatro brasileiro ignorava, enfrenta problemas morais desdenhados (por excesso de pudor ou calculada malícia) pela maioria dos comedígrafos e dramaturgos — que foram legião, numa quadra em que ir a teatro era um preceito de bom-tom. Fala do sexo e seus desvios com uma liberdade de estardar. E assim, não usa véus, alegorias, símbolos românticos para encobrir os problemas do sexo. Considero-o com a maior objetividade. Homens ou mulheres, as personagens falam da carne sem nenhum subterfúgio. É — coisa insuspeita — o tempo em que tais peças foram escritas — o seu teatro tem a ousadia de trazer à cena a homossexualidade.

Fragmentos do estudo crítico de Guilherme César, publicado no livro "Qorpo Santo: As Relações Naturais e Outras Comédias".

FARSA IMENSA

De tudo que dissemos até aqui, conclui-se que, sem ser um "literato" oficializado pelo público de sua província; não tendo categoria de escritor durante mais de um século, apesar de já publicadas suas produções, o mestre-escola José Joaquim de Campos Leão revelou-se muito mais bem dotado para a carreira de comediógrafo do que muitos de seus contemporâneos hoje famosos. Soube armar o conflito, soube dialogar, soube explorar situações cômicas originais. Falta-lhe, não raras vezes, o nexo comum, às suas comédias. Há nelas uma descontinuidade, enquanto história, enquanto fábula, que deixa desgostoso o espectador desabitado a pensar.

Entretanto, Qorpo-Santo fundou um gênero: o teatro nonsense descoberto pelos europeus depois de Jarry. Quando estudamos, na dramaturgia moderna, a ação de Ionesco, comparada com a de Qorpo-Santo, assistimos com esse último à irrupção violenta do gênio. Dentro de suas limitações, de sua loucura (só um louco chegaria lá), Qorpo-Santo foi o autor de uma obra que significa, no conjunto, uma farsa imensa, em que a vida do brasileiro, no século XIX, se revê principalmente nos problemas que ela mais ocultava o das "relações naturais".

Reivindicamos para ele um lugar entre os maiores dramaturgos da língua portuguesa.